

O ENREDO DOS *NERVOS*: QUESTÕES SOBRE ETNOGRAFIA, TEMPO E DOR NAS *COLÔNIAS*  
*ALEMÃS DO SUL DO BRASIL*<sup>1</sup>

Everton de Oliveira (Unicamp/SP)<sup>2</sup>

RESUMO

Esse trabalho analisa as relações entre tempo e dor nas *colônias alemãs* do sul do Brasil, em duas direções relacionadas. Em primeiro lugar, no cotidiano moradoras e moradores de São Martinho, uma *colônia*, situada na região da Encosta da Serra, RS. Em segundo lugar, no esforço da escrita etnográfica. Para tanto, acompanharemos os *nervos* de Marcela, moradora de São Martinho, que eram levados ao limite, certo dia, em sua rotina de trabalho. Acompanharemos os *nervos*, que se estendiam a sua família, e que viriam a se partilhar comigo, após os meses de convivência. O *nervoso* se situa nessa região, portanto, em que se encontra a questão e a condição desse trabalho. Condição política do sujeito, que permite que uma gramática própria às *colônias* seja partilhada com *um de fora*, e problema político da escrita, que situará nessa condição os limites de sua narrativa, inevitavelmente de maneira situada e historiada.

PALAVRAS-CHAVE

Nervos; tempo; etnografia; colonos do Sul.

APRESENTAÇÃO

*Foi Deus que fez a tesoura cair, pra eu não enfiar na barriga dela!*  
(caderno de campo, 11/03/2016).

Todos pareciam haver conspirado contra Marcela naquela manhã. Na *fábrica*, onde todos os dias estava a postos no setor de montagem, sua chefe lhe perturbava demasiadamente. “Falta uma peça aqui!”, ela dizia. Eram *sapatos* o que se fazia nessas *fábricas*, que empregavam moradoras e moradores da *comunidade*. Mas naquele dia, “aquela *guria*, uma *louca*”, havia perturbado tanto Marcela, que seus *nervos* saíram do controle. Sua *pressão subiu*. Mas não queriam deixa-la sair da *fábrica*. Quando deixaram, não queriam leva-la até o ambulatório. Quando levaram, não queriam espera-la. E Marcela passou lá o resto do dia, deitada, hidratando-se com soro, tomando umas *gotinhas* para *ansiedade*. Voltava a pé para a casa de sua mãe, dona Noêmia, a matriarca da Vila

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Linha: Estudos da Cidade) da Universidade Estadual de Campinas. Artigo decorrente da pesquisa de doutorado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). E-mail: [evtdeoliveira@gmail.com](mailto:evtdeoliveira@gmail.com).

dos Klein. Eu morava na Vila. Eu estava na casa de dona Noêmia naquele dia. Eu conheceria Marcela, desse jeito meio *nervoso*, meio *ansioso*. Marcela me ignoraria por completo naquele dia. Mas em nosso reencontro, meses mais tarde, ela então conseguia narrar aquele dia. Acaso da rotina, eu havia desenvolvido meu próprio *nervoso* na Vila. *Nervoso* de trabalho, *nervoso* de angústia. Nada parecia mais distante como no dia em que a conheci. Seu *nervoso* parecia compor, então, a rotina daqueles dias, a rotina dos meus dias. Os *nervos* da Vila, gramática partilhada por moradores e moradoras, enredo de pesquisa.

Nesse trabalho seguiremos a extensão e as dimensões implicadas nessa gramática em duas direções relacionadas. Em primeiro lugar, no cotidiano de moradores e moradoras da Vila e da *comunidade* em que estava inserida, São Martinho<sup>3</sup>, uma *colônia alemã* do sul do Brasil. Em segundo lugar, no esforço da escrita etnográfica, que parte ela mesma desse mesmo cotidiano partilhado a partir de meu próprio *nervoso*, o que situa a narrativa em uma região muito próxima à gramática da dor em São Martinho. Seria mais exato dizer, nesse caso, que deriva sua narrativa dessa gramática da dor, a partir de meu *nervoso* nos tempos de Vila. O *nervoso* se situa nessa região, portanto, em que se encontra a questão e a condição desse trabalho. Condição política do sujeito, que permite que uma gramática própria às *colônias* seja partilhada com *um de fora*, e problema político da escrita, que situará nessa condição os limites de sua narrativa, inevitavelmente de maneira situada e historiada.

De partida, conheceremos São Martinho, assim como a Vila dos Klein, uma *terra de família*, comum às *colônias*, por onde vivi durante dezesseis meses, entre julho de 2015 e outubro de 2016. Entenderemos um pouco de sua formação, assim como da chegada das indústrias calçadistas à *comunidade*, que alterava significativamente o modo de vida predominantemente agrícola de moradores e moradoras, que durante as décadas de 1960 e 1970 passava por sua crise mais significativa. Conheceremos um pouco melhor, então, Marcela. Uma das filhas de dona Noêmia Klein, a matriarca da Vila, Marcela havia

---

<sup>3</sup> Nome fictício. Todos os nomes de pessoas (assim como seus sobrenomes), lugares, cidades, bairros, fábricas ou comunidades, diretamente envolvidos na pesquisa, foram alterados. A opção foi feita em minha pesquisa de mestrado, desenvolvida na mesma comunidade entre 2011 e 2013, quando eu acompanhava a implementação de uma política pública de atendimento à saúde. Na verdade, essa foi uma das condições para que a pesquisa fosse realizada, o que, tendo continuado o trabalho de campo na mesma comunidade em minha pesquisa de doutorado, decidi permanecer com a mesma opção metodológico-narrativa. Para que fique claro, por não se relacionarem diretamente com universo social da pesquisa, os municípios de Porto Alegre, São Leopoldo, Cachoeirinha, Novo Hamburgo e Gramado permaneceram com seus nomes reais.

dedicado toda uma vida às *fábricas*. Mas se naquele final de outubro que rememorávamos tempos depois Marcela havia tido uma de suas piores *crises*, sua vida não havia sido menos *nervosa*. Os *nervos* da vida, os *nervos* da Vila. Esses, muitos sutis em seus efeitos, era então o que me movia, também, em meu tempo da Vila. A seguir, acompanharemos um pouco do cotidiano da Vila dos Klein, sua rotina, seus movimentos e seu *nervoso*. Argumento, enfim, que a análise das dimensões da dor nas *colônias alemãs* do sul do Brasil deve se enveredar também por uma análise do tempo, do modo como ele se apresentava em composições diversas, e no modo como era percebido, na gramática da dor. Da percepção à escrita, meu próprio tempo da Vila havia sido tomado por essa gramática, pelo *nervoso*, por essa condição política da existência que relacionava tempos e movimentos distintos. Escrever sobre São Martinho se torna, então, escrever sobre o *nervoso*, não meu e sequer de Marcela, mas de sua partilha e de sua composição política no cotidiano, sobre suas margens, através das quais um enredo de escrita se tornou possível.

#### DA COMUNIDADE, NA COLÔNIA

Este trabalho nos leva até às *colônias*. Leva-nos até as *terras*<sup>4</sup> dos *alemães* do sul do Brasil, nos tempos de agora e em tantos outros. Leva-nos até São Martinho, uma *comunidade alemã*, mas também um município, este totalizando pouco mais de 6.000 habitantes (IBGE, 2010), localizado na região da Encosta da Serra, Rio Grande do Sul. Mas era fundamentalmente uma *comunidade*, que ofereceu ao município criado em 1988 seu nome, algo que já acontecia do mesmo modo ao distrito de São Martinho (entre 1912 e 1988).

Fundadas na narrativa das *famílias pioneiras*, na qual os primeiros colonos aparecem como desbravadores trazidos das regiões rurais e empobrecidas da Alemanha, as *colônias* não possuem um passado de “liberdade” em relação a seus territórios, pois foram, desde seu nascimento, lugares “territorializados” (Oliveira, 1998: 54-55) pelo Estado Imperial Brasileiro do século XIX, por empresas colonizadoras formadas por antigas oligarquias estancieiras e pela Província (Woortmann, 1995: 97-100). Isso pode

---

<sup>4</sup> As categorias comuns a moradores e moradoras de São Martinho serão grifadas, todas, em itálico. Outros trechos do texto também serão realçados em itálico, quando for necessário dar ênfase a categorias e/ou passagens que fundamentam a análise. Essas passagens, no entanto, serão realçadas esporadicamente, enquanto as categorias comuns a moradores e moradoras estarão sempre grifadas, para marcar seu uso no cotidiano da *comunidade*. Em alguns casos, busquei analisar o sentido destas categorias em nota, em outros casos, no próprio corpo do texto.

levar a crer em uma certa condição de imobilidade dos *colonos alemães*, já que as comunidades que se desenvolveram desde a colonização seguiram, em sua maioria, o padrão de moradia e ocupação proposto pela disposição original dos lotes, as *linhas*<sup>5</sup>. No entanto, já nos anos 1980, Ellen Woortmann acompanhava alguns casos de descendentes ou mesmo famílias inteiras de colonos que se moviam rumo ao Paraná e às Missões para ocuparem terras improdutivas (Woortmann, 1995: 124-127), narrando uma das pontas do nascimento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o que pôde muito tempo depois levantar o questionamento sobre as origens da “ética do sofrimento” entre seus militantes (Sigaud, 2000: 85-86; Guedes, 2011: 350-351). Ética, como veremos, fundamental para a inteligibilidade da vida na *colônia*. Mas mesmo entre os que ficaram, a *comunidade* era vivida preferencialmente a partir de uma prescrição: *sair de casa*. Sair de casa, pôr-se em movimento pela *comunidade*.

As *linhas* da Encosta da Serra seguiam o padrão usual desse tipo de ocupação, cada qual desenvolvendo, em períodos distintos, uma *comunidade* religiosa, formalmente estabelecida, que se responsabilizou pela construção de sua capela, de sua escola, de seu *salão* (geralmente o último ambiente a ser construído) e, quando possível, de uma estrutura de atendimento à saúde. Assim, o fato de muitas dessas *linhas* serem hoje chamadas de *comunidades* não se deve apenas ao seu tamanho, ao parentesco estabelecido entre seus habitantes, às relações de proximidade que ligam as pessoas ao território, e a uma vida moral que vinculou no lugar muitos de seus caminhos: além de tudo isso, as *comunidades* eram formalmente formadas por alguns dos primeiros moradores das *linhas*, com o intuito constituírem um aparato administrativo, quando muito de suas relações com a Província ou com o Império não ultrapassava a demarcação e as taxas cobradas por cada lote.

Durante décadas a principal atividade econômica em todo o distrito e, posteriormente, município de São Martinho foi a atividade agrícola. Tradicionalmente produtora de batatas, esse cultivo ganhou inclusive o status de um projeto cultural, com a celebração da Festa da Batata, que acontece anualmente em todo mês de maio desde a década de 1990. Atualmente a produção de batata cede espaço para a produção de milho, acácias para lenha, feijão e hortaliças (especialmente couve e repolho), além de outros

---

<sup>5</sup> Como ressalta Woortmann (1995: 21, ênfases no original), “o termo *picada*, ou *linha*, designa uma vizinhança rural, com sua igreja, escola e casa comercial. Originalmente, era uma picada aberta na mata, ao longo do qual se dispunham os lotes de cada colono”.

gêneros variados, produzidos em menor escala. Grande parte dessa produção, entretanto, vende-se entre *vizinhos*, *parentes* e conhecidos, ou para mercados da região, cooperativas, ou ainda, para quem permaneceu no cultivo da batata, para beneficiadores que revendem a produção. O trabalho agrícola atingiu o auge de sua crise, em São Martinho, durante a década de 1970, o que estimulou a implantação das primeiras filiais de indústrias calçadistas de Novo Hamburgo e Germana nas demais *comunidades* da Encosta da Serra.

Foi em 1978 que a primeira filial se instalou em São Martinho. Desde então, as *fábricas* passaram a ocupar uma extensão considerável do tempo de moradores e moradoras de São Martinho, o trabalho. Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Calçadista de São Martinho, as indústrias calçadistas empregavam, em fevereiro de 2016, 1008 funcionários e funcionárias, dos quais 707 eram sócios ou sócias do Sindicato. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2016), em março de 2016 haviam 949 empregados nas indústrias calçadistas de São Martinho, o que representava 51,54% dos empregos formais do município, porcentagem muito maior que a do comércio, 10,75%, em expansão nos últimos anos (*idem*). Em São Martinho, durante o período de minha estadia, encontravam-se as *fábricas* Albert e a Friedrich, que empregavam grande parte de meus *vizinhos* e *vizinhas*. No município havia ainda a Klaus e mais um *ateliê* da Albert, responsável por algumas etapas da *fábrica*.

Em pouco tempo, as *fábricas* tornaram-se a principal atividade econômica de São Martinho, estabelecendo um novo ritmo para a *comunidade*. Ritmo de cultivo, já que, mesmo empregados, moradores e moradoras permaneciam com suas *roças*, de meio a um hectare, *cuidando-a* antes do expediente ou depois do apito final, isto é, antes das sete horas da manhã ou depois das cinco e meia da tarde. Ritmo de dinheiro, que agora circulava semanalmente na comunidade, e não seguia mais a temporalidade das colheitas, que variavam de quatro a cinco meses de espera. Ritmo de convívio, já que as *fábricas*, diferentemente da *roça*, inevitavelmente impunham períodos precisos para o convívio da *casa*, dos *vizinhos*, dos *parentes*. Um novo movimento dos tempos se estabelecia, que não excluía atividades e *cuidados* do período anterior às *fábricas*, mas compunha e propunha novos arranjos.

MARCELA E A TESOURA: A TESSITURA DOS NERVOS

Em julho de 2015 eu voltava para São Martinho, acompanhado de Carla, minha esposa<sup>6</sup>, após dois anos do final de meu último período de campo. Chegávamos à Vila dos Klein. Ela incluía quase todos meus *vizinhos* e *vizinhas*, e isso não era sem motivo: quase todas e todos eram filhos, filhas, genros, noras, netos, netas e ainda um sobrinho de dona Noêmia Klein, de 85 anos, a matriarca dos Klein de São Martinho. A Vila se estendia por onde antigamente se estendia as antigas *terras* de dona Noêmia, um total de 32 hectares dos quais alguns haviam sido vendidos nos anos anteriores, ou haviam se tornado *terrenos* nos quais seus descendentes construíram suas *casas*, ou haviam ainda se tornado *roças*, vinculadas a cada uma das *casas* da Vila. Aos poucos, Carla e eu fomos progressivamente sendo integrados à rotina da Vila, nas visitas que fazíamos a nossos *vizinhos* e *vizinhas*, na partilha do *chima* ao jardim das *casas*, no *cuidado* que nos ensinavam a ter com a grama e com o jardim, nas *fofocas* que chegavam com mais frequência.

Era assim que, em outubro de 2015, eu conhecia Marcela Klein. Ela chegava *nervosa* à casa de sua mãe, dona Noêmia. Anunciava que havia deixado definitivamente seu emprego na *fábrica* Friedrich, o que parecia estar na iminência de acontecer. Eu estava com dona Noêmia naquele momento, assim como com Denise, sua cunhada, e Guga, seu irmão. Mas nossa conversa se interrompia naquele instante. Marcela mal conseguia se manter em pé de tanto *nervoso*. Eu lhe oferecia uma cadeira, Marcela recusava, quando já na cozinha em busca de uma a mais. Estávamos na *varanda* de dona Noêmia, uma *varanda* agradável que acabara de ser reformada, e ficava em frente de sua horta de chás e temperos. Quando enfim se sentou, Marcela soltou “Bah! Esse eu não conheço!”. Então me apresentei, contei-lhe que estava morando ao lado de sua irmã, Fátima Silva. Marcela chegava da Clínica São Martinho, uma Unidade de Saúde da Família do município. Havia passado mal já na semana que havia terminado, mas naquele dia acordara particularmente ruim, o que não a impediu de ir trabalhar. “Sabe, eu não sou *preguiçosa*. Eu não deixo de trabalhar. Mas aí a *guria* [sua supervisora] ficou tanto na minha orelha, enchendo tanto, que ela conseguiu fazer minha *pressão subir!*” (caderno de campo, 28/10/2015). Não houve qualquer pessoa da *fábrica* que levasse Marcela até a Clínica. Ela então se pôs a caminhar, às nove da manhã, quando na visita já estávamos já às sete da noite. Denise Klein, partilhando da angústia, contou-me que já havia se

---

<sup>6</sup> Meses antes, no entanto, era eu que a acompanhava em seu trabalho de campo, no sertão de Itaparica, entre os estados de Pernambuco e Bahia.

aposentado da *fábrica*, e que não voltaria jamais. Lembrava de seu *sofrimento*, apaziguando o *nervoso* na narrativa.

Mas o *sofrimento* trazia consigo outros tempos, e seu enredo não era exatamente do controle de quem o narrava. Após alguns minutos de silêncio, lançando-se definitivamente ao historiado, Guga se lembrava que quando moravam “lá mais pra cima”, isto é, no Alto da Graça, antes da compra das *terras* de São Martinho, eles não possuíam energia elétrica em sua casa. Vinham para o arroio de São Martinho pescar, ele e seus irmãos, quando a comunidade passava a ser abastecida com postes e cabos e alta tensão, o que lhes era novidade. Em uma dessas noites, seus dois irmãos mais velhos, Hugo, o mais velho de todos, e Décio, haviam deixado suas varas de pescar no arroio e pernoitado na casa de uma tia, da família Hauser de dona Noêmia, na Vila Média. Ao amanhecer, quando foram buscar os peixes que possivelmente haviam sido pegos por seus anzóis, Hugo impressionou-se com um dos cabos de alta tensão que, por descuido e descaso da empresa responsável pelo fornecimento de energia elétrica, estava próximo ao chão. Disse “será que é de alta tensão mesmo?”. Aproximou-se. Décio, segundos depois, havia percebido que seu irmão ficara para trás. Dizia “Hugo, não faz isso!”. Mas Hugo já havia feito. Guga dizia, “Bah!...”. Dona Noêmia chorava disfarçadamente, talvez por vergonha de mim. “Não há um dia em que eu não pense nele”, ela dizia. Hugo havia falecido. Habitava no *sofrimento* de uma narrativa aquelas mesmas *terras*.

Nessa narrativa, daquelas *terras*, daquela *casa*, outras tragédias habitavam seu enredo. Durante uma madrugada fria de abril de 1991, Marcela sentia um cheiro de fumaça que já invadia seu quarto, na antiga casa de madeira de dona Noêmia. Não demoraria para que as chamas pudessem ser vistas. Marcela gritava “fogo! fogo!”, mas ninguém punha-se a acordar. “Eu era muito *nervosa*, muito estressada, sabe?” (caderno de campo, 11/03/2016). Ninguém levava a sério, seus avisos, seus gritos de advertência. Quando dona Noêmia viu, com seus próprios olhos, as chamas que já passavam a dominar a casa, avisava então seu marido e seus *vizinhos*. Em pânico, todos passavam a sair de casa e a procurar ajuda para controlar as chamas. Havia Luís em outro quarto, filho de Marcela, ainda bebê e já desacordado por causa do fogo. Marcela fazia o que havia para se fazer, o envolvia em algumas cobertas para protegê-lo do frio de abril, e saiu para a rua, achando por instantes que havia perdido seu filho. “Meu filho está morto! Meu filho está morto!” (*idem*). Não estava. Mas os segundos até que Marcela descobrisse isso foram impiedosos. Tentando protegê-lo, as cobertas pareciam sufocá-lo, e quando uma vizinha

lhe disse para tirá-las, um longo suspiro de Luís acalmava Marcela. Mas havia ainda Fernanda, sua sobrinha, de quem todos haviam se esquecido na correria. Quando viram Artur, seu cunhado, correndo em direção à casa, lembraram-se então da *guria*, que “em estado de choque”, dizia Marcela, deixava a casa caminhando sozinha, até o encontro com seu pai. Luís havia se queimado gravemente no rosto, na testa principalmente, o que se podia notar em uma marca que passou a ter desde então. Ainda durante a madrugada, mas especialmente durante a manhã seguinte, vizinhos traziam água para controlar o fogo, comida, cobertas, e tijolos, muitos tijolos, “dos bons” (*idem*), para ajudar desde cedo a construção da nova casa de dona Noêmia e seu José. Casa de *material*, que não voa e não queima com qualquer fagulha.

Mas antes de queimar, havia naquela casa uma vida *judiada* pelo cotidiano, que o *sofrimento* extraordinário do incêndio não ofuscou nas narrativas de seus habitantes. Uma vida partilhada em uma casa pequena, de poucos cômodos, poucos quartos, o que permitia apenas a divisão entre *guris* e *gurias*, que dividiam do mesmo modo a cama em que dormiam. “Parecia tudo uns gato amontoado numa cama só” (caderno de campo, 31/10/2017), dizia-me Fátima Silva em um dos primeiros jantares para o qual eu havia sido convidado, causando certo mal-estar em Artur, o que ela simplesmente ignorava. Houve um dia que de tanto aperto, Marcela havia sumido durante a noite. Após certos minutos de procura, acharam-na dormindo dentro do armário, um sono pesado. E reiterou “não era um armário mesmo. Era uma coisa feita de madeira, com uns pregos que a gente pendurava a roupa, ou jogava lá dentro mesmo” (*idem*). Condição comum que eu encontraria também em outras narrativas, os irmãos de Fátima iam descalços para a *roça*, no verão ou no inverno, o que lhe rendiam calos enormes nos pés, “maiores que solas de sapato” (*idem*). Rindo, Fátima dizia que havia, no entanto, um “tratamento” para isso: durante a noite, amontoados em sua cama, os ratos tratavam de comer todos os calos que haviam se formado no dia anterior, deixando os pés lisinhos novamente, muitas vezes até sangrando. E as pulgas se amontoavam no porão, o que fazia com que se voltasse de lá coberto por elas. Pulgas, de um lado, piolho, de outro. “Era tudo piolhento” (*idem*), contava Fátima. Às vezes era tanta lêndea que o cabelo chegava a ficar duro, e uma das formas de seu pai mostrar predileção por algum de seus filhos era justamente escolhe-lo ou escolhe-la para tirar seus piolhos, muitas vezes função de Marcela. *Casa* de madeira, que permanece habitando as narrativas na Vila dos Klein.

*Casa*, referências das *terras* e da Vila, que muitas vezes dona Noêmia me dimensionava usando a atual casa de Marcela como referência: “lá da estrada do Morro da Mata, na casa de Marcela, até o alto do morro, na chácara de Gustavo [seu filho mais novo], tudo era nossa *terra*”. A casa de Marcela era nos limites da comunidade. Alguns meses depois de termos nos encontrado na varanda de sua mãe, em março de 2016, eu a visitava, acompanhado de Carla. Sentados em sua sala, Marcela partilhava seu *nervoso*. E havia muita trama nessa história. Marcela não havia tido um bom casamento com seu ex-marido, Ivair, caminhoneiro, com quem tivera dois filhos. Segundo Marcela, Ivair vivia nas *malocas* (prostíbulos) da BR 116, além de não conseguir evitar seu vício por *samba*, uma bebida feita a partir de cachaça e coca-cola. Divorciou-se e tratou de *cuidar* de seus dois filhos sozinha. Anos mais tarde, porém, seu filho mais velho, Luís, com 24 anos à época da pesquisa, acabou por fazer uso contínuo de cocaína. Isso havia devastado Marcela, que se engajou em tirar seu filho do *vício*, buscando acompanhamento médico junto à Clínica São Martinho, com Fernando, a quem lhe dedicava os melhores elogios por ter lhe ajudado a *afastar* Luís das *drogas*. Por fim, o trabalho nas *fábricas* também não ajudava muito os *nervos* de Marcela. Ela permanecia trabalhando na Albert no momento do trabalho de campo, mas lembrava de sua pior *crise de nervos*, na Friedrich, acusada de ter o pior ambiente de trabalho, o que a fez deixar o trabalho nas *fábricas* por algum tempo. “Eu *sofri* muito pra criar esses *guris*” (*idem*).

Eu lhe contava, naquela ocasião, que havia visitado a Friedrich mais cedo, sua linha de montagem. Marcela interessou-se em saber quem havia me apresentado os setores, e eu lhe disse que havia sido Wagner, o gerente geral da unidade. Marcela e Fátima Silva, que acompanhava a visita, riram. Marcela completou “ele é um *louco*! Lá é assim, ou tu tem fome, ou vontade de ir no banheiro. Os dois não pode” (*idem*). Assim como sua irmã, Marcela havia começado a trabalhar nas *fábricas* aos 14 anos de idade, na Albert. Trabalhou por algum tempo na Klaus, mas acabou se aposentando na Albert, sempre na função de costureira. Mas como não aguentou ficar sem trabalhar, conseguiu um posto na Friedrich, na função de montadora, função mais *judiada* que a de costureira, segundo Marcela, por causar mais acidentes às mãos. Mas o que mais *judiava* na Friedrich era mesmo os *nervos*.

Não era a primeira vez que eu ouvia queixas sobre Wagner. Eu já ouvira de Denise Klein, assim como da própria Fátima Silva, dias antes de nossa visita a Marcela. A Friedrich era reconhecida por ter o pior ambiente de trabalho, muito por conta de seu

gerente e de seus subgerentes, que exigiam um ritmo de trabalho muitas vezes impraticável. Essa era a queixa de Marcela, que dizia que Wagner sempre escolhia um setor “para Cristo” por dia e, desse, uma de suas funcionárias. Naquele dia de outubro de 2015 que eu a encontrava na *varanda* de dona Noêmia, ela havia sido a escolhida. A chefe de seu setor havia interferido em seu trabalho mais de uma vez, e a cada interferência Marcela ficava mais *nervosa*, mais *estressada*. Ao ponto em que, quando a tesoura caiu de suas mãos de tanto que elas já não respondiam aos seus comandos, Marcela pensou “foi Deus que fez a tesoura cair, pra eu não enfiar na barriga dela” (*idem*). O resto da história já conhecemos: Marcela passava o dia no Ambulatório Municipal e encontrava conforto com sua cunhada, na casa de dona Noêmia.

Não havia associações diretas entre o trabalho nas *fábricas* e o *nervoso*. Não havia, contudo, dissociações. A *crise* de *nervos* que Marcela havia passado na Friedrich fora a *crise* derradeira, que fizera deixar seu posto de montadora. E quando a reencontrei, em março de 2016, meu *nervoso* em relação às *fábricas* há muito já se estabelecera. Eu pensava “que bem as *fábricas* trazem a São Martinho?”. Essa certamente não era a questão – se chegasse a ser uma questão. Nos meses que se seguiram tudo foi levado a demonstrar que a experiência do *nervoso* entre moradores e moradoras de São Martinho ultrapassava sua relação com as *fábricas*, as precedia e as compunha numa prescrição moral, ética e relacional envolvente, o trabalho. Relacionava-se com a questão fundamental da dor, do *cuidado* e do *tempo* para *alemães* e *alemoas*. Mas eu dizia, como disse para Denise Klein após ouvir suas histórias sobre as *fábricas*, “que absurdo!”. Entre meus *vizinhos* e *vizinhas* não me isentava de minha opinião sobre a questão, o que por vezes me levou a conclusões precipitadas. Meus *vizinhos* não eram os maiores admiradores das *fábricas*, Fernando certamente não era, e, quanto a mim, uma certa angústia me causava ao ver cotidianamente o modo como se dava o zelo em relação aos funcionários e funcionárias, ao ver homens e mulheres carregando as mãos às costas, curvadas para a frente, com uma das pernas sempre carregada pela outra, na saída das *fábricas*.

Mas, para ser justo, não houve uma só vez que eu não ficasse *nervoso* na *comunidade*: da intervenção em um quase suicídio durante o trabalho de campo do mestrado (Cf. Oliveira, 2016) aos ânimos alterados por causa do que parecia, a mim, o descaso das *fábricas* para com seus funcionários e funcionárias, os *nervos* eram sempre *atacados* em São Martinho. Manter-se em movimento era manter-se *nervoso*. Nessa conta

incerta, eu *saía* quase todos os dias *de casa*, para andar pela *comunidade*, conversar com as pessoas, visitar conhecidos e *vizinhos*, e, quando não atarefado com a pesquisa, para *cuidar* de meu jardim e de minha horta.

Havia sempre alguma coisa a fazer, fora de casa. Mas isso trazia consigo uma angústia. Em mim, em meus conhecidos, em meus *vizinhos* e *vizinhas*. Pois, partindo do princípio de que a rotina era certa, havia pouco com o que se preocupar na *comunidade*. Mas a rotina não era certa. Longe disso, era fruto de muita dedicação, de muito *cuidado*, de uma boa economia do tempo. Pois viver a *vila*, viver a *comunidade*, implicava muitas coisas. Trabalho, igreja, casa, família, amigos, parentes, política... E tanto mais. E o *chima* do fim de tarde, as conversas que o acompanhavam, eram de igual importância que o expediente nas *fábricas*, e nenhum poderia ser preterido em relação ao outro. Caso fosse, caso o tempo fosse por demais escasso para qualquer um desses engajamentos, então a angústia se sobressaía ao agradável da *vila*. Homens e mulheres punham-se a ficar *nervosos*.

#### DO TEMPO NA VILA: O NERVOSO

Havia um momento, na Vila, em que *vizinhos* e *vizinhas* se olhavam, cumprimentavam-se e se punham a caminhar juntos, pela *comunidade*. Isso se iniciava por volta das seis e meia da manhã, quando homens e mulheres *saíam de sua casa* para trabalhar. Quase todos e todas iam em direção às *fábricas*. Mas retornavam, em seu horário de almoço, ao final do expediente. Era uma jornada cotidiana essa dos Klein, de trabalho, mas também de convívio, pois haveria sempre um *chima* a espera nas casas de seus *vizinhos*, de sua família. Havia também as *roças*, que com persistência meus *vizinhos* e *vizinhas* engajavam-se em cuidar. Havia lazeres enfim, ao final da tarde e aos finais de semana, nos *salões* da *comunidade*, onde *homens* jogavam futebol, jogavam trinca, e bebiam. Alguns bebiam mais do que jogavam, mas a conta era sempre incerta. Havia lazeres nos jardins, quando as *vizinhas* superavam-se preparando bolinhos de batata, enroladinhos de salsicha, biscoitos de nata, cucas e coisinhas a mais para acompanhar o *chima*, para reunir os *parentes*. Em cada uma dessas situações havia aqueles que *se judiavam*, aqueles que *sofriam*, aqueles que contavam, aqueles que silenciavam.

Aqueles que *se judiavam* eram os afortunados, pode-se dizer. *Judiavam-se* porque *saíam de casa*, para o trabalho, para o lazer, para as visitas, para a *roça*. Para o convívio,

enfim. Enchiam a boca para dizer “Meu Deus, eu *me judiei* nessa vida!”. Mas o que passa despercebido aos desavisados, como eu quando chegava à *vila*, é que “*judiar* na *vida*” é um pleonasma, pois viver é *se judiar*, ou *se judiar* é viver, na *colônia*. É a conta que deu certo, o esforço que deu resultado, os percalços superados. Pois quando se conta sobre o percurso da vida a alguém, os percalços estão sempre lá. Pode-se superá-los, ou se pode deixar vencer por eles, nesse cálculo *alemão*. A dor estará sempre contigo, a angústia, o *nervoso*, uma certa incerteza de que tanto esforço será recompensado. Quando o é, aí sim se diz “eu *me judiei* na vida”, que é como dizer, “eu vivi”. Entre os Klein, muitos haviam *se judiado*. Dona Noêmia era o maior exemplo disso. Havia *se judiado* para deixar um terreno para cada filho vivo, e mais um para uma *roça*, apesar de tanto sofrimento no percurso. O “*judiar*” era uma coisa que se dizia. Era da ordem da narrativa, dos tempos passados, daquilo que já havia se superado.

Mas os percalços superados não impediam moradores e moradoras de viverem o presente. Viviam e ainda se angustiavam com isso, ficavam *nervosos*. *Alemães* e *alemoas* eram aficionados com o trabalho, por certo, mas, de modo geral, eram aficionados com o movimento. E lançavam-se com tanto afincamento ao movimento, do trabalho, do lazer, das visitas, da *roça*, da igreja e, por vezes, da política, que ficavam *nervosos* com isso, com esse amontoado de caminhos superpostos. Ficavam *nervosos* porque raramente abriam mão de algum deles. Todos tinham sua importância, todos tinham seu tempo. O trabalho nas *fábricas* era, enfim, aquilo que lhes tomava boa parte do dia, das sete horas da manhã às cinco e meia da tarde. Antes das *fábricas*, homens e mulheres já havia *cuidado* um pouco de sua *roça*. Depois do expediente, voltavam a *cuidar*, assim como *cuidavam* de suas *famílias*, de seus *parentes*, de seus amigos e de seus compromissos com a fé. E tanta coisa exigia mesmo esse *cuidado*, categoria das mais apreciadas por meus *vizinhos* e *vizinhas*. Porque *cuidar*, em geral, era *cuidar* mesmo do tempo de cada engajamento, de um certo equilíbrio para que cada um não se sobrepusesse aos demais. Esses *cuidados* variados e engajados implicavam então uma economia dos tempos da *vila* e da *comunidade*, que, paradoxalmente, quando bem administradas trazia consigo o *nervoso* de quem se lançava nesse desafio.

O *cuidado* implicava uma relação entre estar *nervoso* e *sofrer*. Tratava-se daquele esforço demasiado de *alemães* e *alemoas* para não se deixar *atacar* demais pelos *nervos*, para não se deixar levar demais pelas narrativas de *sofrimentos* passados. Era colocar, em suas próprias palavras, *cada coisa em seu tempo*. E havia dois modos privilegiados de

*cuidado*: o *cuidar com* e o *cuidar de*. O *cuidar com* se relacionava especialmente ao movimento das coisas. Era aquele *cuidado com* o que se passava na vila, o *cuidado com* as *fofocas* que adentravam as casas, o *cuidado com* as inúmeras tarefas do dia. O *cuidar de*, em outra direção, relacionava-se especialmente aos engajamentos nesse movimento, como o *cuidado da roça*, o *cuidado da casa*, o *cuidado do jardim*. Em São Martinho, essa categoria não poderia ser traduzida para noção de cuidado enquanto dimensão afetiva, como *care* ou *take care*, discutida em uma considerável tradição sociológica<sup>7</sup>. Em outro sentido, acredito que *cuidado* se relacione, até certo ponto, com o que em outros contextos de pesquisa, tipicamente sudestinos, foi analisado enquanto ter “controle” ou buscar o “equilíbrio” (Cf. Carneiro, 2010; Pereira, 2009). Ter *cuidado* era manter sob controle a dor, almejar o equilíbrio entre os *nervos* e o *sofrimento*.

Era, em um de seus efeitos mais sensíveis, manter sob controle a dor da *depressão*. E uma vez mais uma certa qualidade de dor nos diz muito sobre os movimentos de moradores e moradoras, porque nesse caso era justamente o não movimento que estava em questão. Aqueles e aquelas que haviam *ganhado* uma *depressão* ficavam em casa, deixavam de se relacionar com seus *vizinhos*, *vizinhas* e *familiares*, por vezes deixavam o trabalho. Por vezes *ganhavam* a *depressão* por terem deixado o trabalho, mas a equação não era exata. Seus efeitos, mais sensíveis e sentidos pelos próximos, era usualmente o silêncio, a reclusão, e uma certa angústia de amigos e *vizinhos*. Por isso aos *depressivos* era ofertado uma certa dose de movimento e de relacionalidade, em visitas, em *chimas* e conversas que aqueles que lhe eram próximos lhe levavam. Uma certa dose de tempo, o tempo da vila que entrava pela porta com a visita, um tempo mais antigo que entrava na conversa pelas narrativas de *sofrimento*. Pois o que dizer aos *depressivos* se não que aquela dor um dia fará sentido? Pois, dor, todos tinham na *vila*, na *comunidade*, isso eu mesmo sabia desde 2011. Uma certa angústia, uma certa dor da estafa corporal, um certo *nervoso*. Mas a *depressão* era de fato uma das poucas dores que se lançava ao polo negativo da avaliação moral. Não era bom ter *depressão*, não era bem aceito ser *depressivo*. Por um tempo, não demais. Era preciso voltar a *sair de casa*, se movimentar pela *vila*, movimentar-se pelas narrativas, viver seu próprio tempo e não exigir demais dos tempos alheios.

---

<sup>7</sup> Sobre essa tradição e para uma discussão contemporânea sobre do *care*, assim como de sua leitura crítica, ver, por exemplo, a obra organizada por Hirata e Guimarães (2012).

Um problema etnográfico da relação entre tempo e dor em São Martinho se apresentava naquela sala, naqueles tempos, na extensão entre conhecer Marcela e partilhar seu *nervoso*. Mas esse também era um problema teórico, ou, para ser mais exato, um problema analítico. Viver na *vila* e na *comunidade* trazia consigo uma relação dinâmica entre dor, tempo e movimento. Trazia consigo o problema da percepção do tempo. O problema se situa justamente aqui, na relação entre tempo e dor: na *colônia*, na escrita. Na *colônia*, cada qual era a medida do outro, que em conjunto eram a medida de sua socialidade. Cada apresentação da dor, por exemplo, trazia consigo uma medida de movimento e de tempo, como as que acompanhamos acima. Os *nervos*, em especial, revelavam a pessoa em suas mais variadas formas, de acordo com suas relações. Havia aquelas mulheres e aqueles homens *atacados* por conta do trabalho, de suas relações agonísticas com seus chefes nas *fábricas*, de suas frustrações por conta de uma colheita pequena na *roça*. Mas também por conta de uma desavença familiar, de uma discussão no *salão*, de uma preocupação com um próximo. Essas relações podiam ser seguidas no modo como cada morador e cada moradora era capaz de classificar seu *nervoso*, de avaliar seus tempos em cada um desses engajamentos.

Não é preciso de qualquer qualitativo para figurar a especificidade do tempo no mundo das *colônias*: ele não é social, não é estrutural ou sequer simbólico. Essa é, precisamente a crítica de Marilyn Strathern (2014a) à análise de Marshall Sahlins<sup>8</sup>. Não era preciso, na Melanésia, recorrer ao sistema simbólico para situar o evento na história. Ali, os acontecimentos devem ser lidos por seus efeitos, enquanto performances, que carregam consigo o passado e o futuro. Elas são história. Carregam em si uma sucessão de formas que atestam aquilo que as precedeu, suas possibilidades. São imagens, no sentido daquilo que ocultam ou revelam a quem as testemunha. Um artefato, portanto, que não se inserem em um contexto: elas são seu próprio contexto, funcionam mesmo quando desconectados dos eventos cotidianos. A imagem traz em si seus próprios

---

<sup>8</sup> Quando Sahlins (2003 [1985]) leva ao limite a proposta de Evans-Pritchard (Cf. 1993 [1940]: 115-121) ao propor que os eventos que acometeram na morte do Capitão Cook não poderiam ser entendidos senão em sua disposição na estrutura simbólica havaiana, mas que do mesmo modo um evento não era tal sem um acontecimento singular capaz de iniciar uma sequência de “circunstâncias contingentes” (*ibid.*: 180), capazes de inserir a estrutura nas contingências históricas, um deslumbramento era evidente. O tempo não era guiado por acontecimentos simplesmente, nem medido pela distância estrutural das relações, mas apresentava-se enquanto um evento contingente, dependente de uma série de predisposições simbólicas capazes de significá-lo, que de seu modo eram sujeitas à mudança histórica.

problemas, a expectativa, por parte do público, de seus resultados ulteriores, da sequência de imagens que se seguiriam do espetáculo.

O tempo assumia, assim, em São Martinho, a qualidade que Roy Wagner chamava de inato, na oposição cultural elementar entre o domínio da ação humana e o inato (Wagner, 2010 [1975]: 95-107). O inato, nesta relação, não o era por si mesmo, mas apenas enquanto resultado da relação dialética entre invenção e convenção, sendo que, em cada cultura, o domínio que se julgava suscetível à ação humana variava de acordo com essa relação. Na cultura ocidental, ele dizia, esse domínio era o do coletivo, da racionalização, enquanto que convencionalmente as diferenças pareciam compor a linearidade da cultura. Na melanésia, escreveria Marilyn Strathern alguns anos mais tarde (Strathern, 2006 [1988]: 273-274), ao contrário, esse domínio era o das próprias formas, coletivas ou singulares, corporificadas ou reificadas, que personificavam socialidades, essas mesmas por demais convencionais. Eram, valendo-se do conceito que Judith Butler (1990) retomaria pouco mais tarde, performances.

E eram compósitos. Podiam agregar em si apresentações diversas e distintas do tempo. Compunham, assim, certas extensões limitadas da socialidade no modo pelo qual se apresentava, no modo pelo qual era partilhado. Nesse sentido, o tempo se estendia em cada dor e em cada movimento da *comunidade*, e traçava assim os limites de sua partilha, como uma linha, que se ligava a outras tantas, formando um nó, como lugares e suas histórias, ou um conjunto de nós, um emaranhado (*meshwork*), pelo qual vidas, lugares e narrativas compunham momentaneamente um desenho de mundo (Ingold, 2011: 141-175)<sup>9</sup>. Em uma sentença, tempo era antes de mais nada a apresentação convencional da socialidade da *colônia*. Tomado por inato, fazia-se perceptível na extensão de cada uma de formas, pelas pessoas, pelo passado, pelas *terras*, pelas *vilas*. Formados em uma gramática da dor, dos *cuidados* e *sofrimentos*.

#### A ESCRITA DA DOR: COMPOSIÇÃO E PARTILHA

Mas partilhar essa gramática não era uma garantia de princípio, ainda mais a um *de fora* como eu. Tratava-se majoritariamente de uma relação política, no sentido elementar que Rancière (1996: 367-373) deu a esse termo, como aquela espécie de ato no

---

<sup>9</sup> “As soon as a person moves he becomes a line. To hunt for an animal, or to find another human being who may be lost, you lay one line of tracks *across the expanse*, looking for signs of another line of motion that would lead to your objective. Thus the entire country is perceived as a mesh of lines rather than a continuous surface” (Ingold, 2011: 149, ênfases minhas e no original).

qual toda a organização do mundo sensível é rompida. Ato que desafia a organização estabelecida do sensível e cria, ainda que por instantes, a possibilidade de construção de um mundo comum. Ato essencialmente de curta duração. Um mundo de coisas em comum era, portanto, constantemente reconstruído e redistribuído de acordo com aquilo que se propunha partilhar, e de acordo com quem era chamado a essa partilha. A etnografia não está para fora dessa política, ou para ser mais exato, dessa economia política: enquanto etnógrafo, eu era por vezes chamado a partilhar certos tempos, às vezes a compor certos mundos, e frequentemente excluído de tantos outros.

A etnografia habita essa *fissura*, no modo como Veena Das (2007) entende isso, como um modo singular de habitar o mundo, em que a experiência humana é sempre sua margem e seu limite. Isso se liga à relação elementar entre voz e cotidiano. A sensação de dissolução do cotidiano se dá justamente quando nos vemos traídos pelas próprias palavras, pela gramática então disponível para tratar de questões que não podem ser tratadas sem uma sensação de violência que as acompanham, quando as palavras, enfim, parecem sempre retirar o que há de vivido do mundo. Por isso o silêncio muitas vezes surge como possibilidade de lidar com o cotidiano, como sua gramática mais adequada. Mas a etnografia é essencialmente uma composição, e quando formada de palavras tende à violência em relação à experiência vivida, à partilha dos tempos, e à própria gramática da dor, no caso de São Martinho.

O *nervoso* se torna, desse modo, a via de possibilidade da escrita etnográfica, justamente por apresentar sua própria composição narrativa sobre os tempos vividos em São Martinho. Como nos lembrava Luiz Fernando Dias Duarte, há mais de 30 anos (CF. Duarte, 1985), os *nervos* eram alguns dos caminhos privilegiados para se entender a pessoa nas classes trabalhadoras urbanas. A relação “intra-pessoal” da manifestação do *nervoso*, como caracterizava, relacionava *cabeça* e *corpo*, a primeira enquanto o polo frio da relação, o segundo enquanto seu polo quente. O *sangue*, por princípio quente, tinha no corpo seu habitat natural, mas poderia *subir à cabeça* e subverter o equilíbrio esperado entre *sangue* e *nervos*, esses normalmente controlados pelo *cérebro*. Nessa relação fundamental, uma série de fatores “diferenciais”, “inter-pessoais” e “hiper-relacionais” poderiam atuar para subverter esse equilíbrio, como a ingestão de alimentos *pesados* ou *fortes*, que *atacariam o fígado* e, portanto, tenderiam a *atacar* também os *nervos*. Mas o *sangue* poderia também circular no plano “inter-relacional”, estar vinculado a uma família, conter vícios e hereditariedades morais que transitavam pelo e entre os corpos.

Pelos *nervos*, a pessoa passava a se constituir num panorama em que índices morais passavam a *correr nos corpos*, e a *cabeça* se enchia com o *sangue* dos conjuntos relacionais que lhe sustentavam.

Traziam à tona, nesse sentido, aquilo que Butler (2006: 54) chamou de “sociabilidade primária”, isto é, o caráter inevitavelmente vulnerável do corpo, sua dimensão estritamente social. Como propõe a autora (*ibid.*, p. 45-78), nas situações de luto e de dor, somos capazes de perceber a dimensão social de nossa corporalidade, que sempre será um modo de ser *para* o outro e *por causa* do outro. A situação de perda e de dor nos torna capazes de perceber esta vulnerabilidade primária. Butler (2010: 13-56) busca redefinir o modo como apreendemos a ontologia corporal, que não deve ser apartada de sua existência política e social, dos desejos e das normas que lhe redefinem os contornos e implicam sua ontologia como de existência social.

O corpo do etnógrafo ou da etnógrafa se torna, aqui, uma situação nodal. Pois fruto ele mesmo dessa condição política da partilha da dor, que trazia consigo a partilha dos tempos nesse esforço de *sair de casa*, ele se encontra situado sempre à margem de uma completude. Pois a partilha nunca será mais do que um instante. O mundo, em sua condição política, nunca será mais que um momento. Mais do que uma margem, de seu próprio limite. Por isso narrar essa condição política da partilha de momentos em que *vizinhos* e *vizinhas* lançavam-se a seu cotidiano na *vila*, a seus tempos na *comunidade* ou a suas próprias narrativas no passado, implica, de minha parte, um esforço de não violência a esses momentos. Paul Ricoeur (1995: 112) notava que a qualidade narrativa se caracterizava por três tempos: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito. Mais importante, excluía de sua composição o presente, o futuro e o “perfeito” (que, dizia ele, é o presente no passado). Esses três últimos ele dizia compor o discurso, que não é capaz de refigurar um tempo vivido nos tempos da escrita. O discurso é sui-referencial, situa a contemporaneidade da coisa contada no instante do discurso, não situa nada para fora de suas palavras. A narrativa, por outro lado, é essencialmente uma composição de tempos. Deve situar o leitor para um tempo que não o da escrita, ainda que no limite da composição verbal.

Por isso, partir do *nervoso* para falar de dor, é retornar a meus meses na Vila, de um tempo em comum, única composição possível. Isso implica, basicamente, tratar a narrativa etnográfica em seu aspecto político, que se situa justamente na lacuna sensível causada pelo ato político de partilha do mundo. Isso implica situar a narrativa na margem

de suas próprias palavras, retirar, o tanto quanto possível, o discurso de sua composição. É nesse sentido, apesar da dimensão narrativa e ética que a dor assumia em São Martinho, que me afasto da categoria “afecção”. Não pelo seu sentido elementar, que se relaciona diretamente ao aspecto sensível da definição de “política” de Jacques Rancière, mas pelo sentido que assumiu a partir da definição de Jeanne Favret-Saada (2005 [1990]) do “ser afetado”. O artigo, popularizado entre etnógrafos e etnógrafas, abarcava algumas recomendações de trabalho de campo a partir da pesquisa da autora sobre feitiçaria do Bocage francês, que deu origem ao clássico *Les Mots, La Mort, Les Sorts* (Favret-Saada, 1977). “Ser afetado” envolvia para a autora a única possibilidade de se saber sobre um assunto então velado na França rural, porque entendido como “atrasado”, que era a prática de feitiçaria, de rituais de *desenfeitiçamento*, de curas etc. Era a possibilidade de partilhar de um estado afetivo comum, que não informava sobre aquilo que seus interlocutores e interlocutoras pensavam, mas a inseria em um sistema de afetos comum a seus “nativos” (2005: 160).

Há algumas implicações em seu argumento, das quais decorrem certas apostas etnográficas. A primeira delas é sua tentativa de distinção entre aquilo que a acometia no Bocage e aquilo que tradicionalmente foi observado na antropologia como os momentos de ritual. A autora apostava que a efetividade das sessões de *desenfeitiçamento* dependiam de todo um dispositivo terapêutico anterior e posterior ao ritual, de um estado afetivo sem o qual mesmo o ritual não produziria os resultados almejados (*ibid.*: 161). Ainda assim, todo seu argumento sobre “ser afetado” partia de rituais de *desenfeitiçamento*, das sensações causadas após as sessões, das expectativas prévias aos encontros com aquelas mulheres, das quase duzentas sessões que acompanhou durante seu trabalho de campo (Cf. *ibid.*: 158-159). Tudo leva a crer, nesse sentido, que apesar de todos os esforços da autora, o modo como ela utilizava a expressão “ser afetado” implicava ainda o privilégio de momentos de crise, de suspensão da realidade ordinária ou de reorganização da trama relacional. Nesse privilégio, a construção do cotidiano é sutilmente deixada de lado. Na trilha do ritual, os afetos comuns aos “nativos” se descortina, mas parece não alcançar o mundo ordinário do silêncio, do opaco, do não deslumbrante.

A segunda aposta é que, nessa mesma trilha, o afeto parece, ainda, pontual e informativo: buscando afastar-se de Malinowski – ao menos do efeito que seu diário de campo causou à sua reputação – Favret-Saada (*ibid.*: 158) diz não se aventurar em

questões “subjetivas” em suas notas, a não ser quando implicadas diretamente nos eventos acompanhados. Mas para longe dos eventos, o que não afeta nossa subjetivação? O diário de campo compõe do mesmo modo o trabalho de campo, em muitos tempos, como nos lembra Strathern (2014b: 345-405)<sup>10</sup>. Escrever é compor o tempo, é engajar-se com igual intensidade nos afetos partilhados. Tudo envolve o etnógrafo, ainda que nada pareça lhe dizer respeito.

Havia, enfim, a questão dos “nativos”. E essa é essencialmente uma questão de tempo, ou como pontuava Johannes Fabian (1984: 25 *et seq.*) há mais de 30 anos, uma questão de coetaneidade (*coevalness*) (*ibid.*: 31). Isso porque, apesar da afecção, o que temos ao final da leitura da feitiçaria no Bocage é um “sistema” ou um “discurso” (Favret-Saada, 1977: 335 *et seq.*) sobre os aspectos “topológicos” e “dinâmicos” da “força de possessão” – o “enfeitiçamento”. Isso implica que a linguagem, nesse caso, capaz de criar um “tempo partilhado” (Fabian, 1984: 31) pelo igual engajamento de ao menos duas pessoas em um mesmo momento (um tempo coetâneo), distanciava a etnógrafa de seus “nativos” no Bocage, pois a escrita é igualmente um modo de partilhar o tempo. “Nos moldes da descrição, análise e conclusões teóricas, os mesmos etnógrafos irão por ventura esquecer ou rejeitar suas experiências de coetaneidade com os povos que estudaram. Pior, eles irão falar de suas experiências com invocações ritualizadas” (*ibid.*: 33, tradução livre). Um esforço de não violência aos tempos partilhados em São Martinho implica necessariamente um esforço de narrativa, em que tempos politicamente partilhados não se afastem na escrita, e, mais do que isso, que se ofereçam também a quem partilha da leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cotidianamente, era provável que homens e mulheres tivessem seus *nervos atacados* em São Martinho. A linha da pessoa a partir de seus *nervos*, entretanto, era uma linha sempre tênue para aqueles que se deixavam *atacar* facilmente, mas especialmente para aqueles que *sofriam* dos *nervos*, pois a subjetivação era sempre acompanhada de apreciações morais, pelos *familiares*, *parentes*, *vizinhos*, colegas, amigos e conhecidos em geral. No limite, havia um limiar em que a pessoa poderia perder o controle de seus

---

<sup>10</sup> Para a autora, o “momento etnográfico” é justamente a relação entre o momento da observação e o momento da análise, uma relação entre a imersão e o movimento por entre esses campos, que faz com que o etnógrafo esteja aberto ao que virá depois, assim como preserve o deslumbramento inicial no movimento de escrita.

*nervos* sem ser considerada totalmente descontrolada perante a quem lhe era próximo. Se ultrapassado esse limiar, comumente chamava-se de *louco* ou *louca* aquele ou aquela que havia se deixado dominar totalmente pelos *nervos*. Era assim que Marcela Klein se referia a Wagner, gerente geral da Friedrich de São Martinho, era assim o modo como eu mesmo me referia a ele, com um certo desagrado. Mas nós jamais ultrapassaríamos esse limite, ou não havíamos ultrapassado até então. Era nós que falávamos de Wagner. Não sabíamos o que ele falava de nós, de mim, amigo tão próximo de Fernando, um de seus desafetos. Mas a *guria*, a antiga supervisora de Marcela, ainda estava lá, e a tesoura também, ainda exclusiva para os calçados.

A dor implicava uma partilha, um conjunto limitado de tempos pelo qual ela se fazia sentir e significar. E significando, implicava do mesmo modo um conjunto não menos limitado de narrativas que buscavam lhe situar no mundo, ou, melhor dizendo, que buscavam situar o mundo nos tempos e no enredo de uma vida *judiada*. Como já asseverou Fiona Ross (Ross, 2001), a dor não está situada no corpo individual: ela é partilhada, transformada na relação entre as pessoas. Mas essa partilha implica um certo território de existência, pelo qual a dor afetará de modo significativo algumas de suas vidas, e pouco será perceptível a outras delas. Isso implica uma gramática, uma narrativa. Cynthia Sarti (2014: 81) dizia, a respeito das experiências de sofrimento associadas à violência, que seu reconhecimento enquanto tal dependem das condições de possibilidade para que um lugar de inteligibilidade e escuta viabilize sua expressão. Isso implica o reconhecimento no outro, um trabalho do tempo, inscrevendo na memória situações simbolicamente reconhecidas enquanto violentas, possibilitando narrativas e subjetivações, da testemunha, da vítima (Cf. Sarti, 2016), do *nervoso*.

A dor reivindica o reconhecimento, como diria Veena Das (2007), e muitas vezes sua gramática não passa pelas palavras, são resumidas em silêncios. Essas “gramáticas emocionais” como bem resumiu Larissa Nadai (Nadai, 2016) não oferecem linhas soltas: é preciso afligir-se para haver a partilha, reagir ao insuportável da dor para que um fundo comum de partilha de mundo ofereça as pontas para seu acesso (Jullien, 2001). Fazer etnografia na qual a gramática é a dor é viver essa fissura, na qual não existe o dentro ou o fora, apenas a margem. É preciso narrar a margem, politicamente, sem buscar solucioná-la, em seu tempo. É fazer, no sentido literal do termo, uma etnografia política, que não busca o outro mundo, que não busca o discurso, mas a narrativa do único mundo possível, que, politicamente, se fazia na dor, pelos tempos, ou no tempo, por sua gramática aflitiva.

Uma tentativa de uma etnografia política da socialidade das *colônias alemãs* do sul do Brasil, pelo tempo, pela dor e pelos movimentos de um etnógrafo, em suas margens partilhadas de um mundo que não volta mais.

#### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Mauro William Barbosa

2007 “Narrativas Agrárias e a Morte do Campesinato”. *Ruris*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 157-186.

BUTLER, Judith

2010 *Marcos de Guerra: las vidas lloradas*. Cidade do México, Paidós.

2006 *Vida Precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires, Paidós.

1990 *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque/Londres, Routledge.

CARNEIRO, Ana

2010 *O Povo Parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DAS, Veena

2007 *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press.

DUARTE, Luiz Fernando Dias

1985 *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan

[1940] 1993 *Os Nuer*. São Paulo, Perspeciva.

FABIAN, Johannes

1984 *Time and the Other: how anthropology makes its object*. Nova Iorque, Columbia University Press.

FAVRET-SAADA, Jeanne

[1990] 2005 “Ser Afetado”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161.

1977 *Les Mots, La Mort, Les Sorts*. Paris, Éditions Gallimard.

GUEDES, André Dumans

2011 *O Trecho, as Mães e os Papéis: movimentos e durações no norte de Goiás*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HIRATA, Helena & GUIMARAES, Nádyá Araújo (Org.)

2012 *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo, ATLAS.

INGOLD, Tim

2011 *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. Nova Iorque, Routledge.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)

2010 *Base de Dados do Censo 2010*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php?uf=43](http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=43)>. Acessado em: 02/02/2011.

JULLIEN, François

2001 *Fundar a Moral: diálogo de Mêncio com um filósofo das luzes*. São Paulo, Discurso Editorial.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (MTE)

2016 *Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), Perfil do Município*. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php)>. Acessado em: 29/03/2016.

NADAI, Larissa

2016 “Entre estupros e convenções narrativas: os Cartórios Policiais e seus papéis numa Delegacia de Defesa da Mulher (DDM)”. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 22, n. 46, p. 65-96.

OLIVEIRA, João Pacheco

1998 “Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77.

PEREIRA, Luzimar Paulo

2009 *Os Giros do Sagrado: um estudo etnográfico sobre folias em Urucuia/MG*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RANCIÈRE, Jacques

1996 “O Dissenso”. In NOVAES, A. (org.) *A Crise da Razão*. São Paulo, Companhia das Letras.

RICOEUR, Paul

1993 *Tempo e Narrativa*. Campinas, Papyrus. Volume 2.

ROSS, Fiona

2001 “Speech and Silence: women’s testimony in the first five weeks of public hearings of the South African truth and reconciliation commission”. In DAS, V. et al. *Remaking a World: violence, social suffering and recovery*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, p. 250-279.

SAHLINS, Marshall David.

[1985] 2003 *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

SARTI, Cynthia

2016 “Narrar a dor: O livro *K* e outras narrativas”. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 18 n. 2, p. 307-323.

2014 “A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha”. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 77-105.

SIGAUD, Lygia

2000 “A Forma Acampamento: notas a partir da versão pernambucana”. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 58, p. 73-92.

STRATHERN, Marilyn

2014a “Artefatos de história: os eventos e a interpretação de imagens”. In STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify, p. 211-229.

2014b “O Efeito Etnográfico”. In STRATHERN, M. *O Efeito Etnográfico e outros ensaios*. São Paulo, CosacNaify, p. 345-405.

[1988] 2006 *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, Editora Unicamp.

WAGNER, Roy

[1975] 2010 *A Invenção da Cultura*. São Paulo, Cosac Naify.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer

1995 *Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. São Paulo/ Brasília, Hucitec/ Editora da UnB.